



# Até que o bolso os separe

Pesquisa da FGV mostra que renda maior das mulheres e desemprego dos homens têm influência no divórcio

**Rachel Vita**

rvita@odianet.com.br

■ Mulher ganhando bem e homem desempregado resultam em possível separação. A equação é dos economistas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que mediram os principais fatores para o divórcio. Filhos de até seis anos e diferença de raça têm peso pequeno. Mas as mulheres com renda maior do que a do marido ganharam mais chances de separar dos companheiros. O desemprego do homem também aparece como forte fator de desestabilidade nas relações.

“As questões do bolso influenciam no divórcio”, pondera o economista Mauricio Cãnedo, um dos responsáveis pelo estudo. Segundo ele, a renda da mulher interfere mais na relação quando o parceiro ganha pouco. “Mas, se o marido também recebe um bom salário, mesmo que menor, o efeito é contrário: estabiliza mais o casamento”, conta Cãnedo.

A fórmula calcula o que todo casal já sabe: quando o bem-estar fora do casamento é maior que a união a relação tem mais probabilidade de acabar. A empresária Lia Bastos Muller Samor, 46



## Pobre sente mais o peso da inflação

■ A inflação pesa mais para os pobres. O que era senso comum virou dado científico com o Índice de Preços ao Consumidor-Classe 1 (IPC-C1), calculado pela primeira vez pela Fundação Getúlio Vargas com as despesas de quem recebe de um a 2,5 salários mínimos (de R\$ 415 a R\$ 1.037). De abril de 2004 a março deste ano, o IPC-C1 variou 19,21%, contra 18,61% do índice geral (IPC-Brasil). A diferença começou a acontecer em 2007, quando a alta dos alimentos puxou a inflação dos 10% mais pobres do País. De 2004 a 2006, o IPC-BR superava o IPC-C1.

Os alimentos comprometem quase 40% do orçamento dessas famílias e avançaram 10,83% no primeiro trimestre deste ano, quando o IPC-C1 variou 2,20%. Os alimentos que mais pesaram, nos últimos 12 meses, foram feijão (127%), óleo de soja (51,39%), leite em pó (34%), carnes bovinas (21,83%), ovos (20,50%), leite longa vida (13%), macarrão (11,31%) e pão francês (10,62%). Em todas as despesas, o maior peso foi o da tarifa de ônibus (o triplo do IPC-BR). ■

**Lia e Otávio se separaram quando ele deixou o emprego. Anos depois, casados de novo**

anos, ganhava mais que o marido, que deixou o emprego para estudar. Com dois filhos, ela sustentou a família

### Estudo revela também que separação é maior nas áreas urbanas do que nas rurais

até que decidiu "chutar o balde". "Eu era muito nova. Chegou uma hora que não estava mais legal. Se fosse hoje,

talvez não fizesse isso", conta. Otávio se formou, arrumou emprego e, três anos depois do divórcio, os dois casaram de novo no papel.

"Nós nos mudamos para Conceição de Macabu, onde ele se empregou. Ainda ganhava mais do que ele, mas agora é diferente. Dá para equilibrar", diz Lia. O cineasta Marcus Cinelli, 58 anos, teve destino diferente. A relação mudou quando ele passou a receber salário menor que o da mulher, professora universitária. "Passamos a dormir em camas separadas e nem a minha roupa ela quis mais lavar. Comecei a

me sentir discriminado e terminamos", lembra.

O estudo mostra que a incidência de divórcio aumenta em mulheres de áreas urbanas. "Na área rural, ainda há o estigma da separação. Na urbana, além de melhores salários, a mulher conhece mais pessoas", avalia Cândido. No período pesquisado, a renda das mulheres casadas cresceu 58% em termos reais, enquanto que a taxa de divórcios aumentou 17%. O levantamento cruzou dados do IBGE (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios e Registro Civil) em 21 estados entre 1992 e 2004. ■